

Nadir Kfoury

“Dia”, Sim

PORANDUBAS: Como foi que a senhora descobriu o Serviço Social?

Nadir: Foi pelo momento nacional e pela forma pela qual me situei nesse contexto. Desde que cheguei em São Paulo, com 14 anos, fiz todos os meus estudos na famosa Escola Normal da Praça da República, depois chamada Instituto de Educação Caetano de Campos.

PORANDUBAS: A senhora morou em pensionato ou veio de Avaré com a família?

Nadir: Não, eu nasci em Avaré e de lá fui morar em Botucatu. Daí vim a S. Paulo, com toda a família.

Bom, eu me dei muitíssimo bem na Escola da Praça. Até hoje olho-a com muito carinho e lamento que tenha saído da Pça. da República. A princípio eu não dava bola para os estudos, embora gostasse muito de ler. Mas lá pelo meio do curso, começamos a estudar Sociologia, Psicologia, Problemas Brasileiros, com sumidades da época, tais como Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, Almeida Filho. Então, me entusiasmei pelos problemas de Educação, pela Escola Nova, por um novo relacionamento-professor-aluno.

Aí, me matriculei no 1º Curso de Aperfeiçoamento de Professores, recém-inaugurado pelo Fernando de Azevedo. Depois, fiz mais outros dois cursos. Eles davam uma titulação para a gente, abriam possibilidade de - de acordo com o desempenho - escolher escolas para lecionar. Nesses cursos se discutiam as questões brasileiras, os problemas da Classe Operária, a Constituição Brasileira, etc. Vivíamos a passagem de 1930 para 1932. “É o país liberal que morre e começa o país social”, dizia-se, acerca da legislação trabalhista, da atuação Getúlio. Foi um bom começo. Hoje já se tem uma visão mais correta, pois produziram-se análises mais profundas sobre o Brasil e se tem mais informação através dos meios de comunicação.

Outra influência que recebi, foram os movimentos de Ação Católica, de que participei. Em primeiro lugar, a JEC (Juventude Estudantil Católica) e depois a JUC (Juv. Univ. Cat.) e mais os contatos com o pessoal da JOC (Juv. Operária Cat.). Em nossos encontros, discutíamos a problemática brasileira, usando o método “VER-JULGAR-AGIR”. Aí fui me inflamando por esta sede de justiça, que trago em mim até hoje.

Coisa interessante. Foram minhas colegas do Curso Normal e de Especialização, a Ester de Figueiredo Ferraz, a Helena Junqueira, a Lucy Peestana Silva (que se casou com o André Franco Montoro). Nessa turma havia ainda gente em movimentos de Ação Católica. Nesse momento, alguma de nós foram cursar a Filosofia São Bento, que era paga. Eu preferi os Cursos de Aperfeiçoamento, que eram gratuitos, pois eu já tinha que trabalhar para me sustentar.

O Querido “Turco”

PORANDUBAS: Mas seus pais não são ricos, fazendeiros no Interior?

Nadir: Não. Meu pai - Salomão Kfoury - sempre foi um homem trabalhador e ganhava bem, mas não dava para guardar: éramos 6 filhos. Apesar do que se diz dos árabes, meu pai viveu pobre e morreu pobre. Pois bem, eu hoje eesestou com 70 anos e desde os 18 trabalho para me sustentar. Assim, eu tenho uma longa vivência como assalariada. In-

clusive, se trabalhar salvasse a Pátria, acho que já fiz a minha parte... Não é brincadeira o que já levei de massa ao forno!

PORANDUBAS: Seu pai era comerciante?

Nadir: Era. Ele veio do Líbano com 7 anos e foi uma influência muito importante para mim. Meu pai nunca frequentou escola mas falava e escrevia corretamente em português, francês e - claro - o árabe, tanto quanto seus cunhados brasileiros, que eram médico e engenheiro. Inclusive sabia mais literatura do que eles: aprendi a gostar de muitos autores com ele. Gosto de Machado, dos autores portugueses e franceses daquele tempo. Meu pai dizia que desde pequenino sentia atração por pessoas que falavam bem. Por isso, ele assistia os jús no Interior, ficava vendo os bacharéis discursando.

Em plena crise da Depressão, ele ficou tuberculoso e foi se tratar em São José dos Campos. Lá, ficou amigo do Dr. Paulo Setúbal (autor de “Confiteor” e de romances históricos), e sua mulher Dª Francisca. Eles foram para a Suíça e escreveram insistindo para que o “Turco” - que é como chamavam meu pai - fosse para lá, mudar de ares. Papai estava na Suíça quando a Depressão chegou ao Brasil. Nossa família foi atingida e por isso que precisei trabalhar cedo, já que era a mais velha. Meu pai voltou da Suíça, sarou e recomeçou a trabalhar.

PORANDUBAS: E aí a senhora entrou para o Serviço Social...

Nadir: Esta foi uma encruzilhada e tive que fazer uma opção. Estávamos em 1934, funda-se a USP e a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. Muitos de meus colegas foram estudar lá, já que tenho alguns diplomas, não precisavam de vestiturar. Fui para a Faculdade de Serviço Social e nesta decisão acho que pesou muito a formação cristã dada pela Ação Católica.

O Povo em 1934

PORANDUBAS: A sra. sempre trabalhou em Serviço Social? Qual é a sua visão da profissão?

Nadir: Realmente, só deixei de militar na profissão quando assumi a Reitoria, em 76. Eu lecionava na Graduação e no Pós e era Assessora Técnica da Secretaria de Bem-Estar Social da Prefeitura (a SEBES, atual FABES). Sempre achei que o cargo de Reitor exigia tempo integral de quem o ocupasse. Então fiz uma coisa que é sempre presente em minha vida: abandonei a segurança, neste caso, o emprego público.

Quando à minha visão do Serviço Social, nascida de uma época e dos conhecimentos de que se dispunha, fundamentalmente continuou a mesma até hoje. Eu sempre tive a noção de igualdade, de justiça, que sempre me empenhou e me moveu, dentro das limitações existentes.

PORANDUBAS: Comenta-se que a Faculdade de S. Social era de elite, super-badalada, que sua formatura foi elegantíssima...

Nadir: Foi nada, isso tudo é preconceito. Por que elite? Nós éramos de classe média, como 99% dos estudantes da PUC. Não é por que as pessoas têm um discurso revolucionário que deixam de ficar situados na classe média de sua origem. Eu, Lucy, Helena, viemos do Normal, éramos classe-média e precisamos trabalhar para ganhar nossa vida. O resto é balela.

Nossa formatura foi feita num prédio

antigo da Pça. João Mendes, onde funcionava o Depto. de Serviço Social do Estado. O paraninfo foi o diretor do Depto. e foi quem reconheceu a Escola. A oradora da turma foi a Lucy.

PORANDUBAS: Qual era a face do povo que preocupava aquelas jovens estudantes?

Nadir: Nossa problemática se voltava para o menor, cuja situação já era bem aguda e desejávamos contribuir para que ele encontrasse na sociedade meios para se educar. Havia também preocupação com as condições de trabalho operário, a questão da justiça social, da saúde. Fiz um trabalho de conclusão de curso - uma mini-tese - acerca dos Educandários da Capital, onde mostrei o absurdo de uma disciplina rígida, uma total falta de relacionamento pedagógico com o menor.

Concluído o curso, fui monitora na Faculdade. Era uma função muito interessante. Desenvolvíamos círculos de estudos, debates, que criavam uma articulação entre as diversas matérias. Éramos militantes da Ação Católica e usávamos o método VER-JULGAR-AGIR, além de recorrer às Encíclicas Sociais, a Dr. Alceu de Amoroso Lima e a D. Hélder, que faziam conferências para a gente.

Talvez digam que nossa Faculdade era badalada porque a Diretora, Odila Cintra Ferreira era de família quatrocentona, estudou na Europa, etc. Ela era uma mulher extraordinária, aliás, tia do Eduardo Suplicy. Sua família era conhecida em S. Paulo, mas por sua capacidade intelectual.

PORANDUBAS: A srª esteve nos EUA...

Nadir: Fui aos EUA fazer o Pós-Graduação. Deu apenas para fazer os créditos porque a bolsa era de um ano e não a renovei. O pessoal na Faculdade estava precisando de mim e minha família estava preocupada porque havia a Guerra. Nos EUA aprendíamos a trabalhar com o indivíduo, dinâmicas de grupo. É por isso que acho importante já ter bastante informação antes de viajar para poder filtrar o que aplicável à nossa realidade. Nos EUA o S. Social encara a pobreza como um problema a ser enfrentado através de medidas de bem-estar social, sem questionar o Sistema, coisa que sempre fazemos por aqui. Voltei de lá sem ter feito a tese e nunca mais a retomei. Entretanto, a Constituição de 46 manteve a minha condição de Titular na Fac. S. Social.

PORANDUBAS: A srª também esteve na Espanha em 1958, não é?

Nadir: É verdade. Tudo por causa de cursos intensivos, que eu dava de Norte a Sul do Brasil e até no Uruguai. Foram cerca de 41 cursos. É que a nossa Faculdade de S. Social foi a primeira do país, logo seguida pela do Rio e de numerosas outras. Sempre que havia um seminário, me convidavam. Assim, como perita das Nações Unidas lectionei 6 meses nas escolas sediadas na região de Madrid e outros 6 meses na região de Barcelona.

Adorei a Espanha. Esta paixão talvez se deva à minha ascendência árabe, né? Aliás, o João Cabral de Melo Neto também é apaixonado pela Espanha. Não o conheço pessoalmente, mas já é um ponto de afinidade com ele. Por sinal, acabo de ler o “Frei Caneca”, de sua autoria. Olha, não precisa dizer por que a gente se apaixona pela Espanha. O espanhol é cheio de vitalidade e ao mesmo tempo tem aquele sentido de tragédia, que se vê em García Lorca. É um país belíssimo, que ainda tem mui-



Nadir ou, na int...

to a dar de si. Lá, você encontra o povo dançando na rua! Em Barcelona, o pessoal sai da missa, joga o casaco no chão e logo tem toda a população - velho, criança, adulto - dançando na praça aquela musiquinha, o Sardañia, (que até não é lá muito bonita, não). Lá eu fiz amizades que duram até hoje.

Erasmus Complicou

PORANDUBAS: Como foi sua vida acadêmica?

Nadir: Ao contrário do que disseram, ela foi muito intensa e o meu maior sacrifício foi ter que abandoná-la, apesar dos inúmeros convites que surgem ainda surgen hoje, depois que fui reitora. Lecionei um semestre no início da gestão mas em setembro/77 veio a invasão e aí não foi mais possível...

PORANDUBAS: Quer dizer que o Erasmus acabou com sua vida acadêmica?

Nadir: É, ele acabou mesmo. Daí pra frente, complicou nossa vida. Era DOPS era CEI, toda sorte de ameaças, prisões de alunos. Não tivemos mais tranquilidade.

PORANDUBAS: Mas a srª é considerada uma das “papisas” do S. Social, que a nível de elaboração teórica, avançou...

Nadir: É, avancei. Mas não tive muita preocupação de publicar os artigos que escrevi, porque sempre tive uma vida muito ativa. Contudo, ensino há tantos anos e nunca dei uma aula sem antes me preparar. Incrível isso, né? Acontece que eu gosto muito de ensinar. A minha

plesmente



(Foto Zanetti)

de. "Dia"

materia? Chama-se "Teoria do Serviço Social de Caso" nela se dá mais atenção ao Serviço Social Individualizado. Através de um Estudo de Caso, de uma biografia bem feita, você situa o indivíduo no seu contexto. Eu sempre fazia a ligação entre o problema individual (em que a pessoa tem que fazer juz a um relacionamento correto) e a situação social abrangente. Na L.B.A. eu sempre busquei adotar técnicas de efeito multiplicador, trabalhando com grupos a nível de conscientização, de reivindicação de seus direitos.

PORANDUBAS: Parece que a sr^a foi Diretora de Faculdade e depois foi Diretora do Centro de Humanas, e até pediu demissão da chefia do Centro?

Nadir: Pois é, voltei dos EUA, fiz trabalho de campo, fui para o Setor de Planejamento e Organização da L.B.A., fiquei Diretora da Faculdade entre 1953 e 1957. Entre 68 e 72 houve a implantação da Reforma Universitária e eu participei de grupos que pensavam a Reforma, na nossa Faculdade na PUC. Neles estavam o Nagamine, o Casemiro. Aí já surgia a idéia do Centro, como lugar da interdisciplinaridade, que rompe com uma situação de fragmentação da Universidade Brasileira.

Então, quando houve a integração da nossa Faculdade com a PUC, o Dr. Celso A. Bandeira de Mello me convidou para a direção do Centro de Humanas. Ele era Vice-Reitor Acadêmico na gestão Ataliba. Então eu aceitei e começamos no Centro a fazer reuniões sistemáticas. Eu havia aprendido na Escola Normal e na Fac. S. Social que você tem que formar equipe, trabalhar

em grupo. Este sistema eu levei para o Centro de Humanas e trouxe para a Reitoria. Foi bastante trabalhoso o processo de nomear Diretores de Faculdade, de implantar os Departamentos. Apesar do tamanho e da complexidade do Centro de Humanas, no segundo ano já tínhamos um projeto acadêmico de todo o Centro, com todas as linhas e perspectivas, dentro de uma visão de Universidade.

porandubas: Mas a sr^a pediu demissão da Direção do Centro. Como foi?

Nadir: Talvez o Centro estivesse necessitando mesmo de uma re-definição. Somente eu discordei da forma como foi feito o desmembramento do Centro de Humanas, criando-se a partir deste o Centro de Ci. Jurídicas, Econômicas e Atuariais. Aconteceu que a proposta de desmembramento foi apresentada na reunião do Cons. Universitário, para ser decidida naquele mesmo dia. Eu sugeri que aquele assunto fosse mais discutido e que não fosse aprovado naquela reunião. Mas, fui voto vencido e ao sair da sala imediatamente pedi demissão.

PORANDUBAS: Qual o compromisso político dos universitários, da Universidade?

Nadir: Primeiro, é um privilégio ter acesso à Universidade - pública ou particular - num país como o nosso. O campus é frequentado pela classe média. Difícilmente a classe operária tem acesso à Universidade. Então, eu vejo que toda profissão tem uma dimensão social, ela deve ser entendida em primeiro lugar como um serviço à sociedade. Acho uma distorção uma formação profissional desvinculada da dimensão social da profissão. Esta dimensão pode ser conseguida através de uma formação propriamente universitária, isto é, abrangente.

Você veja: num país com uma Arquitetura elaborada, arquitetos famosos, faltam projetos para habitações populares; temos uma Medicina sofisticada ao lado de uma população que carece de assistência médica. Ora, estes profissionais, através de Associações da Categoria, deveriam forçar o equacionamento dessa problemática social.

Por isso, vejo a universidade (ao lado da função sistêmica, de transmissão de conhecimentos) como o lugar por excelência onde se questiona, se critica, se adquire uma consciência crítica. Neste sentido, a pesquisa tem sentido, já que ela dá a base para a renovação constante de ensinamentos.

... Aí, Aceitei a Reitoria

PORANDUBAS: Como foram os entretantos da sua gestão? D. Paulo a convidou?

Nadir: D. Paulo sempre ouviu a comunidade. Já tínhamos nos reunido por ocasião da escolha do Dr. Geraldo Ataliba. Naquela época eu fui um pouco sondada, por D. Benedito, mas recusei.

Fim do mandato do Dr. Geraldo. A coisa voltou a pipocar. O Casemiro me dá um susto: "acho que vamos levar seu nome a D. Paulo". Este, me chamou e eu, cheia de argumentos para não aceitar. D. Paulo não deu muita chance: "Já sei de todos os seus argumentos. Mas sei que seu nome tem boa aceitação na comunidade. Acontece que este é o Ano Internacional da Mulher e eu gostaria muito que na Reitoria da PUC estivesse uma mulher". E falou, não sei que, não sei quanto. Aceitei aceitando.

PORANDUBAS: Quais as grandes lições, os grandes sustos e grandes alegrias que a sr^a teve nesses 8 anos da "Fase Nadir"?

Nadir: Olha, a PUC, em si mesma, é uma alegria pra mim. Eu gosto do ambiente universitário e a PUC tem um lado de convivência, até no meio dos desentendimentos, em que prepondera o espírito de fraternidade. Claro, é impossível não haver conflitos de interesses mas aqui é um ambiente agradável de se trabalhar.

A lição que recebi é de como é difícil a prática democrática. Eu me considero uma pessoa democrática e estou convencida de que a democracia, a liberdade, se aprende vivendo. Outro dia, vi o teipe do Pedro Nava na RTC em que ele dizia que boa parte da sua vida viveu sob ditadura. Eu também: foi Estado Novo e estes últimos 20 anos. Então, somos um povo sem vivência democrática, que é um aprendizado necessário, de todas as horas. A lição foi esta: a democracia vale a pena, é um desafio e é difícil. Ela requer um esforço de toda hora.

PORANDUBAS: Mas como foi sua experiência de exercer o poder?

Nadir: É interessante. A responsabilidade não me intimidava mas a idéia de dominação sempre me foi intolerável. Talvez isso tenha marcado minha Reitoria no sentido de sempre trabalhar em equipe, com os vice-reitores.

PORANDUBAS: E como a sr^a faz para coordenar esses três fogos rapazes?

Nadir: Pois é, outro dia estávamos dando risada... Por exemplo, nas próximas eleições: serão por chapa ou não? Se é por chapa, então que seus membros se entrossem. Pessoas que se entrosam, são aquelas capazes de trabalhar juntas, o que não significa que devam pensar da mesma forma. Casemiro, Marcos, Edênio, Severino, Caropreso, e eu somos muito diferentes. O que nos permite trabalhar juntos é que nos encontramos no fundamento. Mas, o que é fundamental? É o Projeto Educacional da PUC, que para nós vem antes de tudo, antes da nossa carreira e de pontos-de-vista particulares. Às vezes eles me falam que tudo dependeu de meu modo de ser. É possível. Mas se somos professores, devemos ser capazes de nos relacionar e trabalhar juntos.

Realmente essa idéia de exercício de poder, sempre me repugnou. Exercer o poder numa democracia é assumir a responsabilidade até o fim; é respeitar e exigir respeito. Quando nossos alunos ocuparam minha sala, eu fiquei chocada, foi uma experiência extremamente penosa. Por quê? Pois eu, como Reitora, nunca entraria num C.A. sem antes avisar que gostaria de fazer uma visita. O mesmo quanto às Faculdades. Assim, o que me preocupa é que vivemos numa sociedade autoritária e contaminados por ela. Para os "erasminhos" eu digo que é preciso aprender a viver e lutar de forma civilizada, pelo que queremos.

Correu Frouxo?

PORANDUBAS: Sua gestão é crítica de liberalismo, de ter deixado correr frouxo...

Nadir: Não, eu não acho que houve exagero de liberdade. Mas todos sofremos para aprender a viver em liberdade. Sei que vivemos um momento difícil de transição de costumes, num mundo extremamente violento. Os educadores estão perplexos.

Mas há algo que me tranquiliza quanto à minha gestão. Houve aperfeiçoamento dos cursos de Graduação, os cursos do Pós e sua produção científica floresceram. Temos publicado muitos livros e produzido ciência, ao invés de reproduzi-la. Também frutificou a área dos convênios, definiu-se uma política de pesquisa, houve a criação de um Fundo de Apoio à Pesquisa e a sistematização

de áreas de conhecimento voltadas aos nossos problemas sociais. Todo este esforço necessitou de verbas, que não vêm das mensalidades dos alunos mas de um aumento de nosso contato com fontes financiadoras oficiais e internacionais, além de numerosos convênios com Secretarias de Estado. Tudo isso me tranquiliza quanto à minha gestão.

Um problema sério é a excessiva concentração de gente no campus Monte Alegre, que se tornou excessivamente barulhento, agitado. É preciso buscar uma solução. Mas, diante das nossas dificuldades financeiras, seria possível sediar alguns setores em outro local?

PORANDUBAS: Enquanto cidadã da PUC, o que a sr^a espera da próxima Reitoria?

Nadir: Eu espero que ela dê prioridade para aquilo que faz uma Universidade. Concordo inteiramente com o prof. Octavio Ianni quando diz que "é preciso recuperar a idéia de Universidade". Sua essência é docência, pesquisa e serviços. Espero que a próxima Reitoria dê continuidade e solidez ao nosso processo democrático e também dê prioridade à qualidade de ensino, aliás, preocupação principal de meu 2º mandato.

PORANDUBAS: E depois da Reitoria, o que a sr^a vai fazer? O André (Montoro) já lhe fez algum convite?

Nadir: Não pretendo assumir nenhuma responsabilidade no Governo. Já trabalhei bastante e agora quero cuidar da minha vida. (Se bem que minha vida sempre foi isso mesmo... provavelmente vou arranjar alguma coisa para fazer por aí). Mas realmente pretendo me aposentar, deixar as aulas na PUC.

Minha Pessoa

PORANDUBAS: Quanto à sua pessoa: o que mais lhe dá prazer?

Nadir: Primeiro, a convivência na minha família, que é muito boa. Tenho uma sobrinhada que é uma beleza: devem ser uns 30, sobrinhos e sobrinhos-netos. Com eles aprendi esse amor que tenho pela juventude, a entender suas aspirações. O jovem é muito generoso, mas também tem certa dose de egoísmo. Ele tem aspirações certas, embora muitas vezes não saiba os caminhos para concretizá-las. Acho lamentável quando vejo um jovem manipulador: nada justifica a manipulação.

Também gosto muito de viajar, gosto da Bahia...

PORANDUBAS: Dizem que a sr^a tem um lado boêmio?

Nadir: Isso é interessante: se eu não tiver nada pra fazer, fico plenamente feliz sem fazer nada...

PORANDUBAS: Boa companhia para si mesma, né?

Nadir: Ah, sou! Excelente. Eu me distraio tão bem... Gosto muito de ler.

PORANDUBAS: Que livros a sr^a já leu, por exemplo, 5 vezes?

Nadir: Li "Grande Sertão: Veredas", li "Os Sertões" de Euclides da Cunha; Machado de Assis eu li não sei quantas vezes. Gosto muito de "Bartelby, o Escrivão", de Hermann Melville, autor também de "Moby Dick". Gosto ainda dos latino-americanos: Garcia Marques, Llosa, Cortázar e seus contos maravilhosos.

PORANDUBAS: Qual é seu time?

Nadir: Co-rin-thians!

(**PORANDUBAS:** Coitada!)

Nadir: Na minha família quase todos são corintianos. Mas tem um grupo de são-paulinos.

PORANDUBAS: (Piorou!) Me diga, a sr^a cultiva amizades?

Nadir: Tenho amigos que vêm de infância. Conhecidos de vocês da PUC tem a Helena, a Lucy, a Suzana, esse pessoal todo da Faculdade.

PORANDUBAS: A sr^a não se casou. Contudo, é uma pessoa afetivamente equilibrada: o que a preenche afetivamente?

Nadir Kfourri (Final)

Nadir: Eu não sei bem. Acho que isso aconteceu porque sempre fui independente. Cresci numa época em que o casamento amarrava. Aí fui me engajando, me engajando... Tenho uma grande amiga, o dominicano Frei Reginaldo. Certa vez disse: "a sr^a é a pessoa mais solteira que eu conheço!"...

PORANDUBAS: Mas a sr^a nunca teve um grande amor, que depois arrefeceu?

Nadir: (rindo). Não, nunca tive um grande amor. Ser solteira para mim nunca foi um "segundo melhor".

PORANDUBAS: Parece que a sr^a tem uma vida religiosa. Ela não colide com o racionalismo da Universidade?

Nadir: De fato, tenho um grande amor pelo meu cristianismo. Ele não colide com coisa nenhuma. Aliás, acho que a Universidade tem pouco racionalismo. A gente vê um pensamento tão engajado que esse negócio de neutralidade da ciência é balela antiga. É óbvio que a ciência deve ter sua autonomia, abrir caminhos. Para mim, o cristianismo sempre foi um estímulo. Eu me dou muito bem com a nossa Igreja.

PORANDUBAS: Como se relacionam o Grão-Chanceler e a Reitora da PUC?

Nadir: Eu quero muitíssimo bem a D. Paulo. Certa vez ele me disse: "não vou ser um Super-Reitor. Evidentemente, sou o Grão-Chanceler e estou aqui para o que for necessário". Sempre tivemos presente que cabe a nós enca-

minhar os problemas da PUC. D. Paulo nos tem apoiado e a gente se entende muito bem. Quando preciso, telefono para ele e marco uma audiência.

PORANDUBAS: Qual foi sua posição política nos últimos 20 anos?

Nadir: Seguramente eu não estava com a Marcha das Famílias Cristãs. Eu era fã das Reformas. Mas ficava muito preocupada quando via a mobilização para a derrubada de Jango. Além disso, a Fac. S. Social aplicava o método Paulo Freire. Sofri muito quando via alunos, amigos perseguidos. Tenho um sobrinho que morreu e outros tiveram que se ausentar. Foi horrível. Depois veio um pouco de abertura e os jovens de novo se organizaram aqui na PUC, enfrentando aquele cerceamento, a censura, que culminaram com a invasão da PUC. Os moços foram muito corajosos ao re-articular a UNE. Mas creio que ainda não encontraram o caminho.

PORANDUBAS: Houve alguma perseguição à sua pessoa?

Nadir: Não... a única coisa é que quase fui cassada quando houve a invasão da PUC e...

Quase Fui Cassada

PORANDUBAS: Como é? Cassada? De quê!

Nadir: É tão horroroso isso de ser cassada, não é? Ventilou-se em São Paulo a notícia de que eu ia ser cassada, de Diretos Políticos e tudo. Mas parece que o Nei Braga segurou. A verdade é que realmente se cogitou da medida.

PORANDUBAS: Como foi a decisão

de acolher a SBPC em 1977?

Nadir: Foi muito difícil. O prof. Sala me procurou: "ou a PUC nos permite realizar o Congresso em suas instalações, ou não vamos poder realizá-lo". Ora, isso não tinha propósito. Consultei a Reitoria, telefonei para D. Paulo. Ele concordou, já que se tratava de um Congresso de cientistas. Comuniquei nossa concordância ao prof. Sala pedindo que ele informasse ao Ministro da Educação que nossa intenção não era desafiar, mesmo porque o MEC não tinha dado veto explícito à reunião.

Mas acho que o Brasil está se reencontrando. Incrível como o povo brasileiro emergiu, amadureceu. A gente teve a prova agora, nesta campanha pelas Diretas. Isso é muito animador.

PORANDUBAS: Este jornal nasceu junto com o projeto de sua Reitoria. Como a sr^a vê o papel da imprensa universitária? A sr^a acha o PORANDUBAS um jornal pelego?

Nadir: Logo no início pensamos em montar uma Assessoria de Imprensa. Penso ser fundamental o papel da imprensa numa Universidade (sobretudo, se temos um Curso de Jornalismo, só temos que valorizar a imprensa). Acho que é correta a linha de um jornal que reflete nossa vida interna e neste sentido o PORANDUBAS cumpre sua função dentro de uma orientação democrática para a PUC. Não acho o PORANDUBAS um jornal pelego: você sabe que tantas vezes eu discordo do jornal, logo não o acho pelego, pelo contrário.

PORANDUBAS: O que a sr^a acha mais bonito no ser humano?

Nadir: Justamente o fato de ele ser... humano. É um ser extremamente interessante, extraordinário. Não é mesmo? A gente não pára de ficar perplexo diante do ser humano. Como é aquela frase?... "nada do que é humano, me é estranho". E dentro do ser humano, eu sempre tive muito amor pelo povo. Eu acho a sabedoria do povo uma coisa extraordinária, apesar do povo ser tão sofrido. Acho que por tudo isso que eu gosto de literatura... o artista é que capta essa coisa extraordinária, e esse mistério ambulante que é o ser humano. Com toda a ciência ele é um desafio para a gente penetrar.

PORANDUBAS: Finalizando, quem é Nadir Kfourri?

Nadir: Interessante, nunca tive a preocupação em definir a Nadir Kfourri. Procuo ser uma pessoa honesta, procuro rever o que faço. Tenho um grande amor pela Juventude, pelo nosso povo, pelo ser humano. Para meus sobrinhos, eu sou "Dia", apelido derivado de Nadir. Foi mamãe que escolheu se referir a dois pontos geográficos: Zenith, imediatamente acima e Nadir, imediatamente abaixo. Zenith é o nome de minha irmã. Certa vez estava tendo aula, num anfiteatro. O professor, desses que adora conquistar normalistas, todo empolgado me disse: "Nadir, onde está Zenith?" E eu disse: "Lá em casa..."

(Agradecemos a simpática colaboração de Edênio Valle, M^a Ester Mamede, Mariângela Belfiore, Carmelita Yazbeck, Suzana Medeiros, Juarez Tadeu)

Calendário-Junho

Fique atento! Aí vai uma porção de datas que lhe interessam:

- 11 a 20 - Seleção de candidatos ao Pós.
- 15 - Limite para fixação dos horários da 2^a sem. na Graduação.
- 20 a 30 - Encaminhamento de pedidos de reabertura de matrícula em Graduação.
- 21 - Corpus Christi - Recesso Escolar e Administrativo.
- até 22 - Pré-Matrícula com escalonamento para cursos de Graduação e Lic.
- 23 - Encerramento aulas no Pós.

PUC: Assuma seu Vestibular!

Fomos conversar com a Prof^a Maria Célia De Santi, atual Presidente da Comissão Vestibular. A razão de falar do assunto a essa altura do ano é que Célia encaminhou proposta ao Cons. Ensino e Pesquisa no sentido de maior integração entre as informações que o próprio Vestibular fornece sobre o estudante e as propostas dos cursos oferecidos pela PUC. Além disso, essa troca permitiria revelar expectativas quanto ao aluno e até um re-dimensionamento das provas. "Não se trata de baixar o nível das provas ou nível de habilitação, ressalta Célia. Afinal o Vestibular da PUC tem imagem de seriedade, mas é preciso que toda a Universidade assuma o Vestibular".

Célia informa ainda que estão fazendo estudos para se perceber junto aos candidatos o lugar que a PUC tem nas suas opções. Outra coisa urgente é descobrir quem compete com a PUC na disputa pelo candidato já aprovado: "pretendemos apressar a divulgação das listas, para que o candidato possa ter

maior possibilidade de escolha".

M^a Célia finaliza dizendo que o critério do RODÍZIO de pessoas, desde a Comissão até os Coordenadores de Locais, está sendo cada vez mais aplicado: "estamos empenhados em eliminar os vícios na escolha de fiscais, que muitas vezes são sempre os mesmos, o que os torna resistentes à mudanças. Pretendemos que os novos Coordenadores de Locais passem a selecionar os fiscais". Boa Sorte!

Desrepeito Puro

Todos os dias por volta das 10.30h, o carro-forte da foto, chapa IZ-1125, pertencente ao Banco Itaú, pára NO MEIO DA RUA Ministro Godoy. E lá, atrás o ruidoso concerto das buzinas e cá dentro do coração daqueles que estudamos e trabalhamos nesta pobre PUC, uma enorme raiva e indignação pelo desrepeito e falta de medidas contra esse desrepeito puro. O pior é que é possível fazer algo. Conforme já denunciemos no mural "É HOJE!", o carro-forte vem a pedido de uma das livrarias que funcionam no

campus, pegar (repito, às 10.30h) dinheiro. Como se não bastasse, o "meganha" passa pelo campus de arma desembainhada. ALGUÉM PODE TOMAR UMA MEDIDA?

Em Tempo: Dia 31/5 um guarda de trânsito tentou falar com o motorista do blindado, que deu uma de quem não estava entendendo. Levou uma multa. Valeu, seu guarda! (desta vez...)

Nosso Matusalém

Na Jornada de Geriatria e Gerontologia realizada entre 23 e 26/5 no São Paulo Hilton Hotel, uma figura se destacou: Matusalém. Ele recebeu o prêmio "Alceu de Amoroso Lima" dado ao melhor trabalho apresentado na área de Gerontologia e conseguiu se manter incógnito até a cerimônia de encerramento do encontro, protegido pelo sugestivo pseudônimo. O seu trabalho, "O Idoso Institucionalizado na Cidade de São Paulo", é uma pesquisa feita em 22 asilos da Capital. Matusalém é o nosso professor Antonio Jordão Neto, das Ci. Sociais, estudioso do assunto e que apresentou à Reitoria projeto de criação de um Núcleo de Estudos Gerontológicos na PUC. A idéia foi muito bem recebida e está encaminhada. Parabéns, Matusalém (digo Jordão)!

História da Educação

O INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) dará apoio este ano para trabalhos de pesquisa, teses e dissertações sobre História da

Educação no Brasil com o objetivo de recuperar e preservar a Memória da Educação Brasileira.

O apoio do INEP poderá dar-se na forma de convênios ou contrato com instituições públicas ou privadas e será dada preferência a trabalhos fundamentados em fontes primárias e/ou documentos inéditos.

Prazo para apresentação dos projetos: 30/6. Maiores informações pelo telefone 226-6127, em Brasília.

Política e Educação

O Programa de Pós Graduação em Supervisão e Currículo realizou entre 8 e 15/5 o Encontro Sobre Política e Educação Pós 64, atendendo à solicitação de seus alunos. Com a participação de Octavio Ianni, Luiz Eduardo Wanderley, Walter Barellem e Francisco Weffort discutiram-se os aspectos econômicos e políticos e suas repercussões na educação, destacando-se a função de acumulação e reprodução do capital e dos Estados periféricos com relação ao Centro-Sul.

Teologia e Práxis

O prof. Reinaldo Fleuri nos informa sobre o curso eletivo "Teologia e Práxis", do Depto. Teologia. Trata-se do 2^o curso do gênero e desta vez abordou-se a questão da "Igreja e Poder", a partir das palestras de Paul Singer, Carlos R. Brandão, Paulo Freire, Pablo Richard e outros. Participaram deste curso 200 convidados da Associação de Educação Cristã e mais 80 alunos da PUC, de várias faculdades.

Monitores em Direito

Foi prorrogado até o dia 7/6 o prazo de inscrição dos alunos de Direito que quiseram fazer monitoria no Departamento I (Teoria Geral do Direito). Os interessados (que devem ser ótimos alunos) devem procurar o Edital de Convocação na secretaria da Faculdade ou no Depto. I.

Nossos Autores

Continua acelerada a produção da turma da PUC. Confira:

- "Terra de Habitação x Terra de Espoliação", de Paulo Krishke (org.)
- "Audiologia Infantil", de Iêda Russo e Tereza Mommensohn Santos
- "O que é Mercadoria", de Lilliana Segnini
- "Cadernos de Distúrbios da Comunicação", de Cecília Bevilacqua e Vally Balieiro.
- "Educar para Transformar: Educação Popular, Igreja Católica e Política", de Luiz Ed. Wanderley
- "São Paulo & Uma Aventura Capturada", de Eugênio Moraes (aluno de Fil.)
- "Virada do Século na América Latina", José J. Queiroz (org.) e outros.
- "A Religiosidade do Povo", José J. Queiroz (org.) e outros.

Convênios SESU/FNDE

Publicamos na edição anterior a assinatura de convênios envolvendo projetos de Fonoaudiologia Educacional, Estágios de Fonoaudiologia, Laboratório de Matemática e Práticas Pedagógicas. Eles, fazem parte de "Programa Integração da Universidade com o Ensino de 1^o Grau", patrocinado pelo SESU/FNDE.